

BOB MORTIMER

MISTÉRIO  
NO HOTEL  
ABACATE

Tradução de  
Rui Azeredo

alma  
dos livros

*Para a minha mulher, Lisa.  
Em reconhecimento pelos seus sistemas  
revisados e atualizados.*

## Um

**S**e nunca ouviram falar do Hotel Abacate, então estão muitos passos atrás de mim. A milhas de distância, na realidade. Se já ouviram falar, então os meus parabéns, mas não fiquem todos inchados porque eu, na realidade, já o *vi*. Vejo-o todos os dias. Às vezes, do passeio quando vou a pé, outras vezes da paragem do outro lado da rua quando estou a almoçar. Para ser sincero, aproveito qualquer sítio de onde dê para observar. Não sou meticuloso como algumas pessoas. Há uma hipótese de algum de vocês ser alguém que *já* o viu com os próprios olhos, e nesse caso somos #iguais. Melhor ainda, como é evidente, pode ser alguém que entrou ou até que se *hospedou* no hotel. Sendo esse o caso, então cabe-me reconhecer que, comparado comigo, é um perito no Abacate. Sim, espreitei pela porta da entrada e por algumas das janelas (quero algum crédito por isso), mas nunca pisei a soleira. Esse seria o sonho. Talvez um dia.

Para quem chega aqui ignorante e inocente, deixem-me pintar melhor o quadro. O hotel é o penúltimo de uma longa fileira de hotéis e edifícios de apartamentos voltados para o mar na marginal da minha cidade chamada Brighton, na costa sul de Inglaterra.

Trata-se de um grande edifício vitoriano em estuque, com cinco pisos, pintado de um tom de magnólia amarelado e aconchegado entre duas construções de aspeto semelhante: o Royal Hotel à esquerda e os Apartamentos Hove View na ponta à direita. Duvido que alguma vez tenham ouvido falar destes lugares. Nem eu costumo dedicar-lhes muita atenção. Se alguma vez ouviram falar deles ou, melhor ainda, têm algum tipo de ligação a algum deles, talvez possam dizer-lhes para aplicarem uma camada de tinta e lavarem as janelas. Se o fizerem, é possível que eu lhes dê uma segunda oportunidade. (Mas é provável que não aconteça.)

O Royal tem uma caixa de luz sobre a porta de entrada a iluminar o nome do hotel e gabando-se de ter uma classificação de três estrelas da parte das pessoas que apreciam atribuir estrelas a estabelecimentos hoteleiros. Pelo que ouvi dizer, três estrelas não é algo assim tão especial. Pelos vistos, recebe-se a primeira estrela só por se ter a porta da entrada e uma cama em cada quarto. (O Abacate não tem estrelas. Não precisa delas. Basta olhar para ele uma vez para ficarmos encantados.) O Royal apresenta um ar negligente; as caleiras e os caixilhos das janelas estão a apodrecer e uma camada de mais de dois centímetros de moscas mortas acumulou-se para descansar em paz no interior da caixa de luz. Se eu trabalhasse na empresa que gosta de atribuir estrelas, retiraria uma estrela só pelo cemitério de moscas e tenho a certeza de que os meus chefes me apoiariam se houvesse alguma reação irada do proprietário do hotel.

Os Apartamentos Hove View já conheceram melhores dias algures no passado, mas eu não estava por cá para ter visto. Se alguma vez os viram no seu auge, deve ser uma bela recordação – comam um *taco* de peixe por minha conta e um cone de creme como sobremesa enquanto revivem esse momento. No cimo dos degraus de acesso à entrada dos apartamentos, há dois conjuntos de intercomunicadores com pequenas ranhuras para papéis que indicam os nomes das pessoas que vivem em cada um dos apartamentos. Uma vez fui lá espreitar os nomes, mas eram-me completamente desconhecidos. Na realidade, há algo em relação ao edifício que me leva a pensar que aqueles nomes não dizem nada a ninguém no mundo, com a exceção dos respetivos ocupantes, como é evidente. O botão da campainha de cima tinha ao lado um pequeno desenho de um crocodilo e de um pato. Duvido que more efetivamente um crocodilo no apartamento. Um pato, talvez, mas não um crocodilo. Não neste clima de merda.

No que me diz respeito, podem esquecer esses dois lugares; é o Abacate que chama todas as atenções. Para começar, as janelas estão sempre limpas, mas ouçam bem isto (e peço desde já desculpa a quem for uma das pessoas que já visitou o local): na frente do hotel, há um abacate enorme (cinco metros de altura) em fibra de vidro, cortado a meio e pendurado no velho mastro de bandeira sobre a elegante entrada em colunas. É a estrela do espetáculo e foi o tema

de conversa da cidade quando foi ali colocado. Ouvi um rumor de que foi originalmente concebido para um filme sobre um grupo de proprietários de terrenos que salvou a comunidade local de uma petrolífera americana que queria fazer um fraturamento hidráulico na área para extrair gás. A ideia, aparentemente, ganhou bastante força, até um executivo qualquer no gabinete de produção de repente achar que era uma merda. Se fosse eu a fazer o filme, a primeira coisa que faria seria assegurar que o argumento era excelente. Parece-me uma loucura que este pormenor seja tantas vezes esquecido. (Quem pertencer à indústria do cinema ou de alguma maneira estiver ligado à mesma, pode aproveitar para passar esta mensagem. A decisão é sua.)

O verdadeiro nome do hotel não está à vista na fachada do edifício. O visual frutado resulta muito bem por si próprio. (Sei que algumas pessoas acham que o abacate é um legume, mas se é uma dessas pessoas, lamento informá-lo que está enganado. É tanto uma peça de fruta como uma *satsuma* sumarenta, e, se isso o perturba, então vai ter uma grande surpresa quando lhe falar da beringela.) À noite, um par de focos inundam a maravilha verde-clara com luz e sombras fabulosas. Seria capaz de ficar a olhar para lá durante horas, e até o faço com frequência. O lugar é suficientemente impressionante durante o dia com a sua pintura imaculada e lajes dos degraus muito bem polidas, mas à noite? Uau! Podia ser um teatro, um museu ou um salão de baile com excelente e bem cimentada fama. Acho que se pode dizer que adoro este lugar.

A dona do hotel chama-se Emily e tomou posse dele há cerca de seis meses. É graças a ela que o lugar tem um aspeto tão arranjado e cativante. Antes de ela se ter mudado para lá, chamava-se The Honeymoon e parecia um bordel ou um restaurante chinês tipo *buffet* livre. Que transformação. É um regalo para a vista. A Emily é muito bonita e cheia de vida e sorrisos. Tem cabelo castanho-escuro composto num *bob* comprido com uma franja completamente horizontal. Constituição média, altura média e se eu fosse um médium charlatão, arriscaria a prever que um dia será o rosto de uma nova gama de auscultadores ou talvez a imagem de um cartaz de uma pasta de dentes cintilante. Nunca falei com ela, mas vejo-a praticamente todos os dias a entrar e a sair do hotel e a tratar da vida dela. O meu grande amigo

Gary é o namorado dela e é uma alegria sempre que os vejo a passear juntos pela marginal.

Conheço muito bem o Gary. É um tipo porreiro, baixo e com o nariz grande, sempre simpático e sempre a postos para conversar. Fico contente por todos aqueles que têm um Gary na sua vida. Duvido que sejam tão próximos do vosso Gary quanto eu sou deste, mas, ainda assim, muito bem, ergo-vos o meu copo.

Seja como for, certo dia, perto de anoitecer, cheguei ao meu ponto habitual no banco da paragem de autocarros em frente ao Abacate e percebi que não era a habitual imagem inspiradora. As luzes azuis dos carros da polícia e de uma ambulância emprestavam à zona um ambiente funesto e reunira-se uma multidão na marginal ao meu lado para ver o que se passava.

*Onde estavam eles quando não se passava nada?*, questionei-me. Nenhum deles era visita regular como eu, apenas pessoal em *part-time* em busca de um burburinho e com a esperança de obter uma história que poderiam mais tarde contar para poderem sentir-se interessantes aí por uns vinte segundos. *Será que me receberiam de braços abertos se ocorresse na terrinha deles algo merecedor de uns mexericos?* Duvido muito.

Toda a gente se calou ao ver um par de paramédicos entrar e sair a correr do hotel rugindo ocasionalmente ordens um ao outro. Foi sugerido entre murmúrios que um operário sofrera um ataque cardíaco ou caíra, mas algo me indicou que seria mais sinistro do que isso. Havia três ou quatro carros da polícia estacionados, e um dos agentes atarefava-se a isolar a área diante do hotel do público em geral com fita da polícia. Cheirou-me que se passava algo de errado. Tenho bom faro para quando algo dá para o torto e estão sobre a mesa o medo e o perigo, e é raro enganar-me. Na verdade, nunca me engano. Podem ou não acreditar neste meu sexto sentido, isso é lá convosco, mas não se esqueçam: o medo pode ser uma coisa terrível para quem opta por não acreditar nele.

Os murmúrios na multidão intensificaram-se em volume quando emergiu uma maca de rodas das portas do hotel e foi levada aos solavancos pelos degraus na direção da ambulância estacionada na rua. Os paramédicos presentes não pareceram embrenhados em nenhuma atividade destinada a salvar vidas. Fiquei com a certeza de que aquela

seria a derradeira viagem do paciente, uma boleia grátis para um lugar qualquer para lá do sol onde as flores nunca murcham e os cães não mordem.

Assim que as portas da ambulância se fecharam, a multidão tratou de dispersar. Eu não me mexi. Queria ver o lugar regressar ao normal antes de me deitar. Restavam apenas três ou quatro pessoas quando olhei para cima para o contorno do telhado do hotel e vi o vulto de um homem pequeno e esguio a passar por uma claraboia inclinada. Virou-se e ficou com a barriga colada às telhas e cautelosamente deslizou para baixo quase dois metros até à beirada do telhado. Levantou-se, levou as mãos à cabeça e olhou para a rua mais abaixo. Ao longe parecia estar a chorar, mas se calhar o seu corpo estaria apenas a contorcer-se de riso. Baixou lentamente os braços e uniu as mãos em posição de oração. Desconfiei que estaria na iminência de saltar. Senti o meu estômago a ficar cada vez mais embrulhado e fui-me embora. Não era algo que desejasse testemunhar. Quem quiser que me chame covarde à vontade por abandonar o local, mas não se esqueçam: podemos sempre lançar o anzol e esperar que alguma dor morda. Felizmente, a maioria de nós tem coisas melhores para fazer na vida.

Vão descobrir pelo meu grande amigo Gary que esta noite foi o início do fim desta história em vez de o início da vossa jornada, por isso, passo-lhe a palavra para que ele lhe pegue onde desejar. Um aviso: o Gary sofre de uma certa falta de confiança e torna-se muito carente quando está sob pressão. Por norma, é quando eu entro em cena. Sinceramente, sem mim estaria perdido.

## *Dois*

### GARY

A última vez que ouviram falar de mim foi há seis meses, em 2010, quando estava sentado num banco na marginal de Brighton com a minha namorada, Emily, com a rabugenta da minha vizinha do lado, Grace, e com o seu cão tipo pastor, *Lassoo*. Eu estava a rechaçar a sugestão delas de nos mudarmos todos para Brighton para ajudar a Emily a gerir o hotel do recém-falecido pai dela. Como sabem, sou assim um bocado para o caguinchas, pelo que a perspectiva de abandonar a minha carreira na área jurídica e mudar-me de Peckham encheu-me de pavor, pânico e ansiedade.

A Emily estava empenhada em lançar-se na gestão do hotel, quer eu me juntasse a ela ou não, e já se mudara do nosso apartamento em Peckham para o apartamento no último piso do hotel, que provavelmente fora o lar da sua família. A Grace, como é evidente, adorou fingir que também queria mudar-se para Brighton, mas todos sabíamos que era algo que nunca aconteceria. Tinha sessenta e seis anos e continuava a ser a mulher mais do contra e obstinada que eu alguma vez conhecera. Em relação a ela, tinha de equacionar tudo, mas chegada a hora da verdade, não achei que houvesse um pé de cabra no mundo suficientemente grande para a arrancar do seu apartamento aconchegador em Peckham e das memórias que este guarda.

Eu ainda vivia na porta ao lado da Grace, no meu T1 no terceiro andar, acessível por corredor exterior e arrendado ao município, atrás da Peckham High Street, no sul de Londres. O meu trabalho como assistente jurídico permanecia tão entediante e previsível como sempre, o que me servia na perfeição. Depois de todos os problemas com os agentes da polícia corruptos do sul de Londres e com o investigador

particular assassino John McCoy, senti-me grato por recuperar a minha normalidade. Dias vulgares livres de preocupações são os meus dias preferidos de entre todos os dias a viver. O McCoy e os seus parceiros na polícia estavam muito bem trancados em prisão preventiva enquanto aguardavam julgamento. Havia de ser convocado a tribunal, enquanto testemunha de acusação, e isso seria controlável. Trabalho na maior parte dos dias da semana no tribunal, por isso nada tenho a temer.

Podem não estar familiarizados com o caso, por isso provavelmente será aconselhável que vos ponha a par. Resumidamente, uma *pen* de memória que veio parar às minhas mãos continha declarações e gravações em vídeo que provavam que um núcleo duro de agentes da polícia com base na Esquadra de Lewisham era do mais corrupto que podia haver; havia de tudo, desde intimidação de testemunhas a plantar provas e até o homicídio do tipo que me entregara a *pen* incriminatória. Eram homens maus, mesmo maus, e mergulhei numa merda muito grande. Acabei por ser salvo por um certo sargento-inspetor Marks da unidade de anticorrupção da Polícia Metropolitana. No que para mim foi novidade, ele andava a liderar há muito uma investigação aos polícias de Lewisham e veio em meu resgate quando me pareceu que iam despachar-me desta para melhor.

Fiquei a dever a minha vida ao sargento-inspetor Marks e empenhei-me em ajudá-lo ao testemunhar em tribunal. Ele trabalhara muitos anos no caso e um veredicto de culpados seria a sua grande recompensa.

Depois de a Emily se ter mudado de vez para Brighton, vim a passar a maioria dos meus fins de semana com ela no hotel. Em alguns desses fins de semana, ficávamos simplesmente aconchegados no apartamento a comer comida de plástico e a ver televisão. Por vezes, ajudava-a a terminar algum pequeno projeto como lixar e polir um corrimão ou retirar velhos equipamentos da casa de banho de um dos quartos. Às vezes, saíamos para ir dar umas voltas pelas ruas e vielas de Brighton e arredores. A Emily gostava de caminhar e assim que começava era muito difícil fazê-la parar, dar a volta e rumar a casa. A anca dela fora gravemente afetada por uma bala disparada pela pistola do bandido do ex-namorado dela, o Tommy Briggs, imediatamente antes de apontar a arma a ele mesmo. Ela recuperara de forma

notável e só ocasionalmente sentia uma pontada de dor logo pela manhã ou à noite ao deitar. «Mais vale aproveitar enquanto dá» era o lema dela, ao qual se agarrava como uma fanática.

No que tocava aos nossos passeios de fim de semana, a Emily preferia partir sem um destino em mente; uma direção em geral ou um propósito vago bastava. «*Preciso de um chapéu cor de laranja*» ou «*Quero kebab para comer num parque pequeno*» ou «*Ouvi dizer que Peacehaven é um pardieiro, vamos até lá espreitar*». Devido a tal abordagem, eu nunca sabia a quantos quilómetros seriam sujeitas as minhas frouxas coxas brancas de advogado. Se ela usasse calças de ganga e botas *Doc Martens*, então eu sabia que o passeio seria relaxado quanto à sua extensão, mas se usasse o *top* de corrida verde-lima, calças justas pretas de *jogging* e sapatilhas de treino cor de laranja refletoras, sabia que as minhas pálidas e débeis pernas iam ser sovadas. Se ela prendesse o seu cabelo num rabo de cavalo, estava fodido. Independente do estado do tempo, eu vestia calças de ganga e o meu blusão de penas verde-escuro. Leve e poroso, é um conjunto bastante flexível.

«Quando é que achas que voltamos?», tentava eu perguntar.

«Porque é que isso interessa?», reagia ela.

«Não interessa. Estava só aqui a pensar, sabes, para podermos planear o dia.»

«Para que precisas de um plano? Estás a fingir que estamos no exército, ou isso?»

«Então, achas que regressamos para o almoço?»

«O que é que isso interessa? Podemos comer qualquer coisa pelo caminho.»

«Então, se calhar não voltamos para o almoço?»

«Não sei, Gary, simplesmente não sei. Por muito que te possa parecer incrível, vou só ver no que dá e seguir com isso. Estás comigo ou contra mim?»

Perceberia pelo tom da voz dela que a conversa terminara. Com frequência, ela enfatizaria/festearia o seu falecimento com um breve ataque de socos no vazio ou erguendo o pé à altura do meu ombro e gritando «Vivam os tomates!».

Percebi que as minhas visitas de fim de semana eram uma diversão útil para a Emily perante a ansiedade e *stress* de deixar o hotel a

postos. Usava-me como uma caixa de ressonância para as suas ideias e esforcei-me ao máximo por a aconselhar e encorajar. Eu tinha um convite em aberto para me juntar a ela em Brighton, mas era algo que raramente discutíamos. Percebeu que se tratava de uma decisão difícil para alguém tão cauteloso como eu e nunca me pressionou verdadeiramente. Não era da natureza da Emily torcer-me o braço para me obrigar a decidir. Era demasiado orgulhosa e obstinadamente autossuficiente para tal. A outra interpretação, naturalmente, era ser ambivalente em relação a juntar-me a ela na sua nova vida. Não acreditava que fosse esse o caso, mas arrumei a possibilidade no fundo da minha mente para que, na eventualidade de se vir a provar verdadeira, o impacto não se revelasse tão catastrófico. A minha preocupação mais premente era que, se as coisas se mantivessem tal como estavam, acabaria por dar-se um distanciamento ou, ainda pior, ela conheceria alguém. Foi o que aconteceu em todos os meus relacionamentos anteriores. Não podia demorar-me a tomar uma decisão. Talvez estivesse apenas à espera que acontecesse algo que me obrigasse a decidir por uma via ou outra. Talvez bem lá no fundo desejasse sabotar tudo e afundar-me na segurança e monotonia da minha vida vulgar em Peckham.

Houve uma altura em que a questão veio à tona do nada e deixou-me desconfortável. Eu levava a Grace e o seu cão *Lassoo* até Brighton num dos meus fins de semana. A Emily queria que a Grace visse os progressos que fizera na remodelação dos quartos e no embelezamento do local. Na noite de domingo, antes de eu e a Grace regressarmos a casa, sentámo-nos todos de novo no banco da Emily para uma conversa de despedida e um gelado. A Emily começou a falar dos seus planos de contratação de pessoal.

– Vou precisar de governanta, empregada de limpeza, talvez rececionista, talvez subgerente...

– Não precisas nada – interrompeu a Grace –, aqui este cretino pode ser teu assistente. É evidente que terias de lhe comprar um fato novo e uns tacões para os sapatos para ele chegar às chaves atrás do balcão.

– Grace, eu sou advogado – repliquei com um curvar de lábios levemente altivo. – A Emily precisa de alguém que perceba de gestão de hotéis e que saiba lidar com pessoas, não um...

– Não precisa nada! – interrompeu de novo a Grace. – Ela conhece muito bem o negócio. Foi criada no raio do hotel. Precisa é de alguém que a apoie, cuide dela e partilhe os altos e baixos com ela... não de um estranho que só quer saber do salário e de fazer cera. Mas, dito isto, aposto que se te surgir a oportunidade, também te dá para a gazeta.

– O que te parece? – perguntei à Emily, na esperança de ouvir uma resposta leve e descomprometida.

– Tu é que sabes. O emprego é teu, se quiseres, mas vais ter de ser rápido a decidir.

Tratou-se da resposta perfeita para me manter na minha zona de conforto e senti-me grato por dar seguimento à conversa sem ter de me sentir injustificadamente ansioso.

– Não achas mesmo que eu poderia ser útil no hotel, pois não? – questionei.

– Era capaz de te treinar. Mal por mal, és de confiança.

– Sim, mas e a história de «não mistures trabalho com prazer»?

A Grace gemeu exageradamente e agarrou a cabeça ao rugir:

– Deixa-te de observações, Gary. Por amor de Deus, dá um pontapé no teu próprio traseiro e por uma vez que seja deixa-te aterrar onde quer que vás parar.

– Grace, já falámos sobre isto muitas vezes. Teria de deixar o meu apartamento, o que seria um grande prejuízo.

– Oh, esquece lá isso! – exclamou com um desprezo tipicamente *cockney*. – És mesmo um cabeçudo. Aguenta o apartamento por uns tempos. A Emily não vai propriamente cobrar-te o raio da renda, embora eu, se estivesse no lugar dela, sem dúvida que o faria.

– E o meu emprego... tenho de avisar com três meses de antecedência...

A Grace levantou-se e uma vez mais interrompeu a minha tagarelíce.

– Se tivesses tomates, já tinhas avisado há três meses. Não aguento mais esta conversa. Espero no carro. – Foi abraçar a Emily. – Boa sorte, querida. O hotel está com um ar fantástico. Vais arrasar – segredou ao ouvido da Emily. Depois, mais alto, virada para mim: – Eu expulso-o de casa dele com uma fumarada, se for preciso, e assim ele vai ter de mexer aquele cu.

E afastou-se em passada larga com o *Lassoo*, que estava sempre a virar a cabeça para se manter de olho na Emily até dobrarem a esquina e desaparecerem de vista.

– É bom que a apanhes – disse a Emily. – Não te preocupes com as coisas. De uma maneira ou de outra, ficamos bem. Talvez daqui a não muito tempo arranjes um emprego aqui em Brighton na área jurídica? Não tens de trabalhar no hotel. Ia ser agradável se pudéssemos passar mais tempo juntos, é só isso. Até ao próximo fim de semana.

Beijou-me na bochecha, deu a volta e afastou-se. Penso que ela poderia ter uma lágrima no canto do olho, mas não tenho a certeza. Não ia fazer uma cena. A Emily não era dada a cenas. Mas, ao vê-la afastar-se, senti-me a ser tomado por uma conhecida vaga de inutilidade.